

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO
FRANCISCO NOA (Orgs.)

Memória, Cidade e Literatura:

De São Paulo de Assunção
de Loanda a *Luuanda*,
de Lourenço Marques
a Maputo

MEMÓRIA, CIDADE E LITERATURA

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO E FRANCISCO NOA

Todas as cidades têm a sua história. Também assim Luanda e Maputo. Luanda situada na costa atlântica, de influência arquitetónica e urbanística luso-brasileira; Maputo, situada à beira Índico, goza de outras influências que combinam África, Portugal e Ásia. O mundo destas cidades é particularmente misturado: nelas entrelaçam-se pluralidades e diversidades que envolvem seres, imaginários, objetos, temporalidades e espacialidades. O arcaico convive com o moderno, o progresso com o atraso e todas as épocas expressam e reclamam atenção histórica – a era pré-colonial, a ocupação costeira, o colonialismo moderno, a independência, o pós-colonialismo. Esta mescla de temporalidades e de horizontes, resultante da experiência de ocupação – seja a comercial, seja depois aquela que conduziu ao colonialismo – tem um valor e uma expressão política na organização do espaço, nas relações de poder que aí são exibidas e nas sociabilidades que se geram, bem como em representações determinadas que Arjun Appadurai designou, na era da globalização contemporânea, de “etnopaisagens” (2004).

Considerando as imagens das cidades-capitais em estudo, percebemos a predominância de signos divergentes que jamais se anulariam, deixando a História suspensa. Em Luanda, a Fortaleza de S. Miguel, as igrejas da cidade alta ou as ruas da Baixa, dedicadas ao comércio, abrem um rasgo histórico virado para um passado ligado ao tráfico de escravos, ao comércio com o Brasil e ao colonialismo português. Porém, a contemplação dos musseques, no caso específico de Luanda, ou dos bairros de caniço, em Maputo, levam-nos para iniciativas e culturas locais que se organizaram em frentes de luta contra o colonialismo português e se comprometeram com a luta pela independência, como vemos nos livros de Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Luandino Vieira, António Cardoso, Costa Andrade e tantos outros em

Angola, ou na poesia de José Craveirinha, Noémia de Sousa e na prosa de Luís Bernardo Honwana, em Moçambique. A atual visão destas cidades, crítica e desencantada, mostra-nos, por exemplo, Luanda Sul, revelando-nos uma elite endinheirada pelo petróleo, os diamantes, o patrimonialismo, no caso de Angola. No caso de Moçambique a disforia impregna a cidade de Maputo em acelerada e desconcertante transformação e alteração de mundividências e comportamentos. Subteraneamente, outros movimentos constroem as cidades e exprimem-se em nova literatura, artes e música.

Este livro analisa as configurações textuais das diferentes temporalidades acima evocadas, o seu reflexo e valor sociocultural e político no espaço urbano a partir do olhar lançado pela literatura. Tendo em mente os conceitos de cidade como texto e o de palimpsesto textual, traçamos os contornos da análise a fazer: a cidade / capital, espaço colonial; a cidade, espaço de resistência; a cidade como utopia e espaço fundador das consciências nacionalistas e das novas nações – facto que levaria Salvato Trigo a considerar as literaturas africanas de língua portuguesa um fenómeno de urbanismo (sd: 53-60).

O início deste livro está ligado ao projeto de investigação *De Luanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: cidades coloniais em tempos pós-coloniais* que decorreu de 2012 a 2015, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.¹ Conjugou várias áreas de estudo – estudos literários, história, arquitetura e urbanismo – tornando-se verdadeiramente interdisciplinar, o que determinou uma forte discussão à volta das possibilidades de conjugação de metodologias de áreas disciplinares distintas e de culturas institucionais diversas, e da sua capacidade de conduzir a leituras inovadoras. A amplitude geográfica e política do projeto, a colaboração de várias instituições portuguesas, moçambicanas – Centro de Estudos Sociais Aquino de Bragança e os investigadores Francisco Noa e Aurélio Cuna e a associação IVERCA, com Ivan Laranjeira e Rui Laranjeira – e angolanas – Associação Tchiveka de Documentação e União de Escritores Angolanos através dos investigadores Paulo Lara, Wanda Lara e Carlos Ferreira, respetivamente – e de investigadores e consul-

¹ *De São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais*, coordenação de Margarida Calafate Ribeiro, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 2012-2015, PTDC/CLE-LLI/122229/2010 – FCOMP-01-0124-FEDER-019830. Investigadores: Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchi, Phillip Rothwell, Francisco Noa, Walter Rossa, Nuno Simão Gonçalves, Mónica V. Silva e, na parte final do projeto, Júlia Garraio. Consultores: José Luandino Vieira, Júlio Carrilho, Fátima Mendonça e a colaboração de José Luís Cabaço. Gestão: Hélia Santos.

tores dos vários países envolvidos foi, não apenas essencial, mas determinante para o bom andamento do projeto e para os resultados obtidos. Assim, fica aqui uma palavra de reconhecimento a todos os investigadores envolvidos no projeto e aos seus consultores – Fátima Mendonça, José Luandino Vieira e Júlio Carrilho e à colaboração atenta de José Luís Cabaço.

Hoje este é um livro que envolve alguns investigadores ligados ao referido projeto, mas resulta sobretudo da dinâmica gerada em torno da investigação e debate do projeto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias*,² que alargou e continuou esta discussão noutros *fora*, e com investigadoras da Universidade de S. Paulo, Tânia Macêdo e Rita Chaves, Nazir Ahmed Can, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a jornalista Sandra Inês Cruz.

A abordagem deste livro é traçada na dimensão comparativa (entre espaços e narrativas) e interdisciplinar. A proposta de leitura inicia-se com um Umbral – uma entrevista de Sandra Inês Cruz a José Luandino Vieira sobre a cidade de Luanda. Seguem-se oito ensaios sobre as cidades de Luanda e de Maputo e a literatura que as toma como tema pelas vozes críticas de Margarida Calafate Ribeiro, Rita Chaves e Roberto Vecchi em dimensão comparativa; contemplando especificamente Luanda, no caso de Tania Macêdo e Phillip Rothwell; lançando um olhar sobre Maputo e a sua literatura com Nazir Ahmed Can e Francisco Noa. Ainda sobre Maputo, o modo de olhar do arquiteto Nuno Simão Gonçalves situa-se particularmente na análise das transições urbanas a que correspondem momentos históricos decisivos para a cidade e para o país. A pontuar cada análise, um outro tipo de texto: as fotografias das cidades por Nuno Simão Gonçalves. O livro termina com um posfácio de António Pinto Ribeiro sobre a energia cultural e anímica das cidades que no seu corpo registam os passos da história com os seus momentos de distensão e aceleração, com os seus momentos de paz e de guerra, sempre embaladas pela energia criativa que anima os seus habitantes.

Entre avanços e recuos, empurrados por pressões externas e circunstâncias internas, angolanos e moçambicanos viveram em confronto direto com a «superabundância factual» (Augé, 1994: 31): colonialismo, guerras de libertação, independência, revolução socialista, guerras civis, reajustamento estrutural, pós-colonialismo,

² *MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias*, financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC) no quadro do Horizonte 2020, programa para a investigação e inovação da União Europeia (contrato n.º 648624), a decorrer no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Investigadores: Margarida Calafate Ribeiro, António Pinto Ribeiro, António Sousa Ribeiro, Fátima da Cruz Rodrigues, Fernanda Vilar, Felipe Cammaert, Hélia Santos, Paulo de Medeiros e Roberto Vecchi.

paz, neoliberalismo e extrativismo, e os seus reflexos na cidade. As suas literaturas, escritas como que “à espera da história”, disso nos dão um particular registo. Através das suas descrições, das suas personagens, das suas histórias e da evocação dos seus mundos e culturas, elas mostram-nos como o espaço da cidade é um elemento fundamental para perceber estas sociedades. Sem este registo literário, estas cidades, na verdade, não existiriam para além de si mesmas e dos seus quotidianos.

É a literatura que cria a mitologia e a memória da cidade. Quem saberia o que era o Largo do Kinaxixi hoje sem as palavras literárias de Arnaldo Santos, José Luandino Vieira ou Pepetela? É a partir desse registo que nos será sempre possível aceder à memória do Kinaxixi e de Luanda e, por isso, hoje, Roberto Vecchi, Rita Chaves e Tania Macêdo, não sendo habitantes de Luanda, podem sentar-se de novo à sombra da última mulemba para reler os textos que o eternizaram e explorarem, nos seus ensaios, a relação que constrói este livro – memória, cidade e literatura.

Referências bibliográficas

- Augé, Marc (1994), *Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand/Venda Nova.
- Appadurai, A. (2004), *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Trigo, Salvato (s.d.), «Literaturas africanas de expressão portuguesa – um fenómeno de urbanismo» in *Ensaios de Literatura Comparada AfroLusoBrasileira*. Lisboa: Vega, pp. 53-75.